

**“O Meu Cristo Quebrado”
caminha sobre as águas**



Testemunho de Catalina

Sobre a obra do P. Ramón Cué S.J.



Curia Episcopal
2ª. Av. Norte, 10
SAN VICENTE
El Salvador, C.A.

Tel.: 2393-0004
Fax: 2393-6802

IMPRIMATUR

He leído atentamente el libro "Mi Cristo Roto camina sobre las Aguas", Testimonio de Catalina. Por la presente certifico no haber encontrado en su lectura nada contrario a las Sagradas Escrituras ni a la doctrina y enseñanzas de la Iglesia. Al contrario, su contenido nos ayuda a comprender mejor el mensaje evangélico, y nos estimula a ponerlo en práctica. Por ello, con gusto doy el Imprimatur para que este libro sea publicado, pues hará mucho bien a quienes lo lean.

San Vicente, 3 de julio, fiesta del Apóstol Santo Tomás, del año 2005.



+ 

Mons. José Oscar Barahona C.
Obispo de San Vicente
El Salvador, C.A.

O meu Cristo Quebrado caminha Sobre as águas

*Testemunho de Catalina
sobre a obra “O meu Cristo Quebrado” do P. Ramón Cué, S.J.*

Obrigado, meu Deus, obrigado por tudo: por cada sorriso, por cada rosa, cada espinho e cada lágrima. Obrigado por tanta gente boa... Obrigado por todos os que durante este ano estiveram no meu caminho ou na vereda da frente. Abençoa-os a todos, porque todos são Teus. Obrigado, Senhor, obrigado pela Tua direcção.

Obrigado, Mãe, Maria, Pura e Santa. Estrela da Nova Evangelização, por ter aos meus e aos que me confiaste, debaixo do zeloso cuidado do Teu olhar e no recinto das Tuas mãos orantes.

Obrigado, querido Tonho, meu Anjo da Guarda, por pernoitares comigo e me ajudares tanto.

Obrigado, papá, mamã, mamy Lizy e Chinito, mamã Nelly, Pepita, Maria Esperança de Betânia, porque do céu viveis cada situação connosco, intercedendo diante do Altíssimo, nesta maravilhosa Comunhão dos Santos.

Obrigado, meu Deus, obrigado por tudo...

O presente escrito não tem mais nem menos valor que o de um testemunho, acerca do que o Senhor pode fazer a partir do encontro de uma qualquer alma com uma obra por Ele inspirada.

Apresento-o agora aos meus irmãos, em primeiro lugar, com o propósito de vos convidar a meditar sobre o que o P. Ramón Cué S.J. escreveu. Mas interessa-me também partilhar convosco o que essa leitura me ajudou a mim, num momento em que verdadeiramente o precisava... Só nosso Senhor sabe quanto!

Catalina

É uma verdade conhecida que Jesus tem múltiplas maneiras de “chamar” as almas para as atrair definitivamente ao seu redil.

Também é certo que todas as reflexões bem direccionadas, relativas ao Mistério da Cruz, constituem um contributo valioso para o desenvolvimento e fortalecimento espiritual do fiel católico.

Neste sentido, a obra do reverendo padre Ramón Cué Romano S.J. “O meu Cristo Quebrado, foi fonte de múltiplas inspirações literárias e teatrais, que geralmente trouxeram abundantes frutos de conversão e crescimento interior àqueles que tiveram a oportunidade de as apreciar nas suas diversas versões.

Além do contributo testemunhal da autora deste livro, Catalina, consideramos que este pequeno e modesto folheto (que na medida do possível deverá ser distribuído **sempre gratuitamente**, e que em nenhum caso deverá ser comercializado a um preço superior ao estritamente necessário para cobrir o seu custo) constitui ao mesmo tempo uma renovada difusão, assim como uma desinteressada promoção de uma das versões mais populares da frutífera e laureada obra do Padre Cué.

Esperamos em Deus que a leitura de “**O meu Cristo Quebrado caminha sobre as águas**” suscite também frutíferas inquietudes no leitor, ajudando-o a meditar sobre estes enriquecedores assuntos e a dar mais um passo no caminho da sua conversão pessoal.

OS EDITORES

Primeira Parte

O início deste testemunho

1. Perdida na verdadeira história

Há alguns anos, uma irmãzinha dominicana levou a uma das reuniões do meu grupo de oração uma cassete de vídeo que se chamava “O meu Cristo Quebrado de casa em casa”. Lembro-me de que o passaram logo depois da oração do Santo Rosário.

Eu estava a colaborar com os organizadores em diversas tarefas, e por isso, ainda que me interessasse o pouco que conseguia escutar, não lhe dei a devida atenção. Quis depois pedir o vídeo emprestado, mas já o tinham devolvido e não me foi possível vê-lo mais.

Durante todos estes anos decorridos desde aquela altura – serão uns onze, mais ou menos –, fiquei com a vaga recordação de que aquela obra era um diálogo entre um homem que tinha comprado um crucifixo quebrado e o Cristo desse crucifixo, que falava com ele e lhe dizia que não o restaurasse...

Lembrava-me de que, segundo eu, o seu crucifixo ia a diferentes casas, e que em tal processo se tinha perdido, e que o homem pôs um anúncio procurando o seu Cristo, ou a cruz... ou algo assim...

Como verão em seguida, através do texto que vos darei mais à frente, de uma versão da obra baixada da internet, a minha ideia do “Cristo Quebrado” estava bastante perdida, e a história que tinha recriado a partir dos bocados que consegui ouvir naquela longínqua tarde, quase nada tinha a ver com a história verdadeira, ou, melhor dito, com o tema real da gravação.

2. O momento que estou a viver

Desde há quase três meses que estamos fora de casa, e para ajudar o meu esposo a preencher as horas durante as quais trabalho junto ao Director Geral do Apostolado e meu Pai espiritual, estou sempre a procurar para Hugo conferências gravadas em áudio, para que vá fazendo as suas reflexões e continue a crescer no espírito junto ao Senhor.

Este tempo foi, para mim, um dos mais difíceis. Bastante duro em sofrimentos, não tanto físicos – mesmo que felizmente estes jamais me falem – mas, sobretudo, nos padecimentos anímicos e espirituais.

O motivo inicial da nossa vinda aos Estados Unidos, sete meses atrás, foi a doença de Laura, minha amiga, minha irmã há mais de oito anos. Com um diagnóstico de Leucemia, chegou a este país, sozinha, sem conhecer o idioma, e foi internada num Hospital em que não se falava castelhano. No entanto, o Senhor que é tão bom, deu-lhe uma Doutora brasileira que é um anjo de Deus e ela sim fala.

Na noite em que a deixamos no Hospital, depois de um procedimento de mais de 4 horas, chorei muitíssimo, evitando que ela me visse. Tínhamos-lhe cortado o cabelo e o P. Renzo e eu, posto que a doutora tinha dito que era o melhor, porque a quimioterapia que lhe iriam fazer era tão agressiva que a deixaria sem cabelo e não recomendava que ela ficasse deprimida ao ver a queda do seu cabelo aos tufos. Laura teve sempre um

cabelo comprido e muito bem cuidado, que era talvez uma das características físicas mais relevantes da sua personalidade.

Vi que isso a faria sofrer, foi assim que lhe sugeri que cortasse pela raiz todo esse apego à vaidade, que como todas mulheres, ela tinha. Cortei o seu cabelo sem forma, o mais pequeno possível. Lembro-me que o P. Renzo me chamava a atenção dizendo-me que estava mal, que não era assim, e eu fazia-lhe sinal para que dissimulasse. Eu queria que ela se sentisse o pior que pudesse, para que quando as enfermeiras lhe rapassem a cabeça, visse isso como uma solução, e se sentisse melhor do que ficar com aquele corte desleixado com que a estávamos a deixar. Mas o P. Renzo não compreendia o que eu tentava fazer e vi Laura sumamente deprimida, triste, creio que foi uma das pouquíssimas vezes que a vi decair animicamente em todo este processo.

Só o Senhor pode saber o que eu sentia e sofria com a simples ideia de que Laura fosse encontrar-se com Ele. Um ano antes de perder o meu irmão e a minha mamã, tinha falecido Pepita, uma queridíssima amiga, à qual mais que uma amiga sempre a considerei como uma filha.

Esse golpe foi para mim tão tremendo – como para muitas pessoas do Apostolado que conheciam Pepita – que unicamente a dor da doença da minha mamã, pode resgatar-me daquela outra perda... Hoje sei que foi melhor assim, um dos muitos actos de Misericórdia de Jesus para com ela e para connosco, e também lhe dou graças por isso.

Assumi o cuidado de Laura com muito amor. Eu era a pessoa que ela podia ter mais próxima dela, a duas horas de voo de Mérida, mas não era suficiente. Eu devia ver onde e com quem a deixava, guiá-la nos primeiros passos e oferecer-lhe a minha companhia para lhe dar ânimo.

Depois de regressar duas vezes a Mérida, o Senhor trouxe-nos por um tempo mais longo aos Estados Unidos. No entanto, não foi tanto para estar junto de Laura, como no princípio pensei, pois Deus tinha outros planos para nós. Pouco pude estar com Laura, ainda que todos estes meses me tenha tido próxima, geralmente a menos de uma hora de distância.

Há duas coisas que não quero omitir neste início de relato: Em primeiro lugar, a profunda evangelização que todos recebemos quando estivemos junto de Laura: Sempre a sorrir, feliz por anunciar a quem queria ouvir que “tinha cancro”, mas que confiava no Senhor e que Ele a curaria. Sempre com uma palavra de alento relativamente aos meus sofrimentos, que até parecia em muitas ocasiões que era eu a doente e ela a sã... que vergonha, Senhor!

Em segundo lugar, a minha enorme gratidão para com as minhas queridas amigas cubanas que assumiram o cuidado de Laura melhor do que eu o poderia ter feito.

Deus fez coisas maravilhosas através de Laura, eu sei, estou certa disso: Toda essa dor, esse medo, essa angústia e impotência, juntaram-se numa corrente de fé e amor ao Senhor, em que Jesus a mergulhou para a tirar de lá sã e forte, como – Bendito seja Deus! – hoje está.

Estou segura de que a ANE, cada um dos seus integrantes, as pessoas que se encomendam às nossas pobres orações, os que nos combatem, os que nos fazem mal, devem muito a Laura, porque cada soro, cada “químico”, cada dor, cada minuto de silêncio num lugar onde falam um idioma que não conheces, tiveram a sorte de ser elevados a Deus por todos nós, como sublime sacrifício, a partir do leito da fé.

Ali se travava uma batalha após outra, entre o maligno que tentava desanimá-la e o pouco que podíamos fazer levando-lhe uma ou outra leitura, alguns CD's de música, conferências, leituras, trabalhos manuais, etc. Mais uma vez triunfou o Senhor da vida e da morte. Triunfou e ela volta agora a casa, completamente curada, segundo os relatórios médicos, para ser testemunha do Amor Misericordioso de Deus nesta grande cruzada pela salvação das almas.

3. Um canto à vida. Novos caminhos, novos desafios

No entretanto tive o prazer de conhecer Magaly Llaguno, outra das extraordinárias mulheres que pisam este planeta, para quem a vida é, todos os dias, um desafio, e para quem as palavras cansaço, doença e letargia estão proibidas.

Uma mulher que só por ouvir as palavras aborto e eutanásia se reveste da Graça de Deus, como um gigante, para enfrentar todos aqueles que, consciente ou inconscientemente, fazem que os inocentes clamem por vingança ao Céu, pelos graves crimes da humanidade.

O Senhor guiou-nos para lhe darmos o nosso apoio, embora no nosso Apostolado já existisse o Ministério Pro-vida, conduzido de uma forma muito responsável e digna por parte do P. Miguel Manzarena SJ e de Mário Rojas, duas das pessoas mais organizadas e trabalhadoras que na minha vida conheci. Mas agora Jesus indicava-nos um caminho mais forte, mais duro, valente e decidido.

Foi assim que tivemos uma reunião com Magaly e Mário, o P. Renzo, Francisco, meu filho e Secretário Geral da ANE, David e Martha Lago, Secretário de Finanças e Coordenadores da ANE no México, Hugo, meu esposo, Laurita e eu, com o fim de coordenar um pouco o trabalho e planificar as futuras linhas de acção.

Devo comentar que desde aquele dia em que o nosso Apostolado se uniu formalmente, já não só como um Ministério, mas como uma verdadeira aliança aos grupos de Vida Humana Internacional, parecia que todas as forças do mal se desencadearam contra nós através de muitas pessoas e circunstâncias.

Algumas manejáveis, do ponto de vista de uma maior dedicação ao trabalho, às relações humanas, à oração e à fé. E outras a que, lamentavelmente, devemos resignar-nos, amarrando-as como estão e deixando-as aos pés do Santíssimo Sacramento, pedindo a Jesus a Sua infinita Misericórdia e a guia do Seu Santo Espírito, para tentar entender as pessoas que nos prejudicam e devolver-lhes qualquer ofensa com amor autêntico.

4. Falando de vida, uma breve história de cachorros

Há 4 meses, a cadelinha poodle que temos em casa foi mamã pela primeira vez, dando-nos 5 lindos cachorrinhos. A pobre cachorra não sabia o que era uma gravidez, e naturalmente não compreendia a maravilha que, através dela, se estava a gerar.

No entanto, na hora em que lhe coube dar à luz, comoveu-nos com o seu desespero para levantar os seus filhinhos do chão, de cada vez que caíam da pequena cama que no último momento tinha escolhido para trazer ao mundo as suas crias.

Olhava-me desesperada, enquanto eu a observava a uma prudente distância. Quando não podia levantá-los pelos seus próprios meios, corria para mim para pedir com latidos que a seguisse e que a ajudasse a salvar os seus filhotes.

Estava a sofrer, certamente dorida, desconcertada, sem compreender o que se estava a passar, mas o seu instinto materno ultrapassava todas as limitações: dor, temor, pudor, incapacidade...

Talvez muitos pensem que estou a misturar as coisas e desviando a atenção da história central com tolices, mas eu penso que não é assim.

Sinto que devo aproveitar estas páginas para dizer, para gritar a todos aqueles que promovem o aborto, a todas as jovens e não tão jovens que se consideram senhoras de decidir “quando”, “como”, “onde”, “em que circunstâncias” e “de que sexo vão ter os seus filhos”, ou quando vão permitir que outras mulheres os tenham, que não lhes faria nada mal presenciar o parto de um animalzinho...

Dou graças a Deus por me ter permitido ser testemunha deste milagre com a abertura de coração e de razão que indubitavelmente foi preparada por Ele mesmo. Foi um verdadeiro hino à vida, ao Amor e à natureza...! Certamente, foi um hino da própria natureza, elevado ao Senhor da Vida!

Senhoras ou meninas que promoveis o aborto ou os abortos, que pretendeis tirar ao Autor e Senhor da vida os Seus legítimos e não partilháveis direitos... vós, que sob o lema de que “a mulher tem o direito de decidir sobre o seu próprio corpo”, estais a encobrir o “direito” de matar, que jamais será um direito...

A vós vos digo, por favor, pensai seriamente no que estais a fazer e ponde-vos de joelhos, suplicando o perdão de Deus e dai uma volta radical no vosso caminho, porque o que vos espera do outro lado é tão horrível, que nem sequer imaginais.

Pois assim como todas as dores que vós tereis de sofrer na vida, não alcançarão a milésima parte das dores que fareis sentir aos vossos próprios filhos para os arrancar dos vossos ventres, tampouco as dores de uma criança no mais terrível dos abortos, alcançarão a milionésima parte do sofrimento eterno a que a vossa cegueira vos está condenando.

A minha missão nesta passagem pela terra é só uma: levar a Jesus tantas almas quantas eu puder. Por isso, como mulher que sou, estou a dedicar-vos algumas linhas, sem o menor desejo de confrontar ideias ou argumentos; sem a menor intenção de vos magoar,

antes pelo contrário: Só quero suplicar-vos que reconsideréis no que estais a fazer e pareis nessa louca corrida para o abismo; a vossa corrida e a todas aquelas ingénuas a quem vós “generosamente ajudais a sair de um problema”.

Não sei quanto uma palavra minha, tão pobre e pecadora, possa chegar ao vosso coração. Não sei a quantas de vós chegarão estas palavras, mas tão pouco me preocupo pois sei que o Senhor se encarregará disso...

O que não quero é que o pecado de omissão caia sobre mim no dia de me apresentar diante do trono de Deus para ser julgada.

Não façam campanhas para destruir o que de mais maravilhoso o Criador fez com as Suas mãos. Contemplem-se frente a um espelho por cinco minutos seguidos e pensem em quanto Amor Ele terá sentido quando vocês se iam formando no ventre de vossa mãe, de tal maneira que vos deu uma alma e uma inteligência, mesmo que não possam ver nem uma nem outra; deu-vos força, coragem, saúde e talvez beleza...

Pensem em como foi formando as vossas mãos, dedo a dedo, tudo perfeito. E fê-lo com a esperança de que tomásseis nas vossas mãos um rosário, uma cruz, uma flor, um livro, uma peça de costura ou qualquer outra ferramenta produtiva... mas jamais uma faca assassina!

Por favor, Despertem! Olhem para a Luz e fujam das trevas! Que o sangue dos inocentes, que corre como um rio, não vos acorde no meio da noite para vos afogar em pesadelos...

Amiga desce do teu próprio altar, olha por favor, olha para a frente, Jesus está do outro lado da margem, estendendo a Sua mão para que dê um salto e te agarres fortemente a ela. Não temas, por favor, e perdoa àqueles que tanto te magoaram...

Todos nos enganamos e não só uma vez mas milhares delas, mas o que é grande, maravilhoso, valente, é reconhecê-lo e refazer o caminho errado para voltar ao correcto. A claridade jamais virá da mão daquele que assassina! Foge deles! Pois ainda que te façam crer o contrário, com a sua suposta ajuda só irão acabar contigo.

5. Presentes do Céu

Por motivos de saúde estou proibida de jejuar, e sinto que isto é algo de muito negativo para o meu espírito, porque nas épocas em que eu fazia os meus jejuns, tinha uma força que não me permitia decair, e sentia-me como um gigante ao lado das pequenas misérias diárias, as da minha alma e as desta humanidade que parece reclamar permanentemente os seus elogios.

Portanto, a única coisa que, desde alguns anos, eu podia oferecer ao Senhor, era não dormir de noite, ou dormir o menos possível, para lhe oferecer algum sacrifício e assim vencer-me e submeter-me eu mesma aos pés de Maria, para que Ela tenha sempre a minha mão segura à Sua no caminho para Deus.

Desse modo o Senhor vinha-me dando forças para não cair num colapso, frente a tantos ataques que devo enfrentar no dia-a-dia. Ao ir deitar-me dizia-lhe: “Senhor, permite que as poucas horas de descanso que vou ter, me sejam suficientes para me manter de pé...” e assim foi durante todo este tempo. Agora dormir pouco já não é um sacrifício, tornou-se um hábito e já não me é necessário dormir muitas horas.

Quantas chamadas de atenção recebo por isso! Sobretudo daqueles que me amam e se preocupam com a minha saúde. Eu sei: Não é bom, mas ainda que às vezes me veja debilitada e muito cansada, a verdade é que, salvo em algumas ocasiões, geralmente sinto-me bem. Cada ruga desta cara, que frequentemente tento eliminar com os recursos que nós mulheres temos, no fundo causa-me alegria. Que maravilhoso é desgastar-se pelo Senhor!

Há pouco tempo, talvez há um mês e meio, durante a minha oração pessoal na Comunhão, tive uma visão: Foi como se tivesse uma tela na minha frente. Ali via-me junto a Jesus e à Virgem. Estavam cheios de paz, e sorrindo, deslocavam-se lenta, cuidadosa e amorosamente, mas também com alguma cerimónia.

Aproximaram-se e revestiram-me com uma túnica branca. Sabia que era eu, mas via-me muito mais jovem, talvez quando tinha uns 40 ou 43 anos. A Virgem colocou um cordão branco, como os que usam os franciscanos, à volta da minha cintura. Eu olhava para os dois, agradecida e feliz.

De repente tudo aquilo desapareceu e vi-me vestida com uma armadura, um traje muito duro, pesado, cheio de metal e com uma couraça no peito, como um soldado da época das cruzadas.

Na mão esquerda tinha uns papéis ou um caderno e uma pena, e na mão direita uma grande espada, prateada e brilhante que cintilava com uma luz própria, muito branca. Eu abria a minha boca e saía fogo em labaredas. Assustei-me tanto com essa visão feia – sentia que estava lançando fogo pela boca como um dragão – que fechei os olhos com força, apertando-os. Nesse momento a voz de Jesus disse-me:

- Talvez isto te assuste menos. Observa bem e depois desenha.

E vi diante do meu coração vermelho, uma espécie de bandeja grande; em cima dele havia um caderno, e novamente a pena, e cruzando diagonalmente o caderno, a mesma espada grande e brilhante.

A visão desapareceu e voltei ao final da Missa; seguiu-se a Antífona da Comunhão, a oração conclusiva, a bênção e de imediato rabisquei no meu caderno a visão que tinha tido, para a mostrar ao meu Director Espiritual, que me explicou o que aquilo poderia significar, explicação que, certamente, não me deixou de todo tranquila.

Decorridos alguns dias, tive outra visão: Jesus aproximava-se de mi e estendia-me as mãos; aproximei-lhe as minhas e Ele pôs as Suas palmas sobre as costas das minhas mãos, fê-las resvalar delicadamente e depois pegou nas minhas duas mãos contornando-as com as Suas. Sorriu e desapareceu, deixando o meu coração a bater a mil à hora e com uma sensação tão doce e cálida que é difícil de exprimir.

6. A Cruz de cada dia... nos dá hoje!

Poucos dias depois de ter tido aquela última visão, recebia a notícia de que certas pessoas estavam a tramar o descrédito do nosso Apostolado, começando logicamente por mim; escrevendo matérias muito feias sobre a minha pessoa, inventando e manipulando coisas, difamando-me, enfim, quando estava a começar a superar, outro triste episódio que vivemos com algumas pessoas muito chegadas a nós.

Sou um ser humano, não sou uma santa, oxalá o fosse! Por isso as injustiças torturam-me, e muito mais quando vejo que os ataques do demónio não são precisamente a mim, embora o pareça, mas ao meu Amo e Senhor, a Quem tento obedecer em tudo, por Quem vivo e a Quem eu devo.

Na verdade entendo e sinto que todos os outros são meus irmãos e por isso é maior o meu sofrimento. Tenho irmãos de sangue, irmãos na fé, irmãos na humanidade sangrenta de Cristo, que continua a fazer-nos compreender que devemos ser UM SÓ...

Numa manhã levaram-me à cidade, ainda que um pouco obrigada, porque realmente teria querido ficar sozinha em oração. Mas há gente tão boa próxima de mim, que sacrifica o seu tempo para me fazer sentir bem, e que percebendo a minha tristeza, talvez compreendendo a decepção e a dor que em vão tentava dissimular, decidiram que saíssemos para fazer alguns procedimentos. Assim passámos o dia de um lado para outro.

A verdade é que não desfrutei do passeio, estava desalentada, muito cansada e algo incomodada, porque tinha várias vezes mencionado que eram as vésperas do 4 de Julho (aniversário da última aparição da Virgem na Bolívia); mas ninguém se tinha apercebido daquela transcendente memória.

Todos sabiam que era a festa Pátria dos Estados Unidos, pois estamos nesse país, mas mais ninguém se lembrava de que era a festa da Virgem do Refúgio, uma data que, sentia eu, devia ser importante para todos os membros do nosso Apostolado.

Como um boa tonta que sou, seguramente esperei muito, mas tão pouco quis fazê-lo notar aos que me rodeavam, não mencionei o tema, mas sentia-me cada vez mais triste.

No entanto o que me punha pior era o que se estava a passar com aquelas pessoas que, de uma maneira tão suja, lançavam dardos contra nós. Sofria novamente por ter que calar, mordía-me a impotência pelo respeito que devia a quem se estava a aproveitar da sua situação privilegiada para me humilhar e maltratar.

Esse agir às escondidas, tão distante do que nos ensina o Evangelho que eles mesmos pregam, era sem dúvida o que mais me feria. Estavam a deitar-me uma tonelada de lixo em cima, mas pelas costas; sem me perguntarem nem dizerem nada, mas difamando-me publicamente...

Lembrava-me daquela história, que certamente muitos de vós já ouviram, acerca de uma pessoa que foi confessar-se de ter falado mal do seu próximo, a quem o sacerdote dá como penitência que pegue numa galinha, lhe tire todas as penas e as deite do alto do campanário para o vazio...

A história conta que quando o fiel voltou para dizer ao pobre padre que tinha cumprido a sua penitência, este lhe disse que agora devia apanhar todas e cada uma das penas, ao que o penitente respondeu que aquilo era definitivamente impossível, porque logicamente o vento tinha dispersado as penas por toda a povoação...

“Isso foi exactamente o que fizeste ao falar mal do teu próximo. Ainda que queiras reparar todo o prejuízo que lhe provocaste, nunca poderás voltar atrás no tempo, e sempre ficarão restos do mal que lhe fizeste”, respondeu-lhe o sacerdote, para lhe ensinar que o prejudicar com a boca, muitas vezes pode ser tão prejudicial como assassinar uma pessoa, pois os seus efeitos são igualmente irreversíveis.

O respeito e a humildade que ainda devia continuar a exercitar contra a injustiça, estavam a destroçar-me por dentro; não por mim, pois às vezes digo que, para isso, pareço de ferro, e se devo queixar-me a alguém pelas suas maldades, dificilmente me vou calar; mas tinha muito mais pena dos outros, de toda essa gente que quer viver de acordo com a Lei de Deus, que luta para devolver a dignidade ao Senhor no meio do seu povo que tanto o magoa, que somente quer trabalhar pelo Reino de Deus...

Entristecia-me o triste testemunho que estavam a dar aqueles que andavam a falar mal de nós. Doía-me pensar que, no fundo, Era o senhor que estava a ser atacado.

Mastigava a minha dor ao mesmo tempo que me vinham à mente algumas passagens bíblicas do Evangelho de São Mateus, que a seguir transcrevo:

“Livrai-vos dos falsos profetas: apresentam-se diante de vós com pele de ovelha, mas por dentro são lobos ferozes. Reconhecê-los-eis pelos seus frutos. Poderíeis colher uvas dos espinheiros ou figos dos cardos?

O mesmo se passa com uma árvore boa: dá frutos bons, enquanto a árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode dar maus frutos, como tão pouco uma árvore má pode produzir bons frutos. Toda a árvore que não dá bons frutos corta-se e deita-se ao fogo. Portanto, vós os reconheceréis pelas suas obras”. (Mt 7, 15-20 – Ver também a exegese).

“Ai de vós, mestres da lei e fariseus, que sois uns hipócritas! Construíis sepulcros para os profetas e enfeitais os monumentos dos homens santos. Também dizeis: ‘se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, não teríamos consentido que matassem os profetas.’

Assim vos proclamais filhos daqueles que assassinaram os profetas. Acabais pois por fazer o que os vossos pais começaram”!

Serpentes, raça de víboras! Como conseguireis escapar da condenação do inferno? Desde então vos enviei profetas, sábios e mestres, mas vós degolaste-os e crucificaste-os, e a outros açoitaste-os nas sinagogas ou perseguiste-os de uma cidade para outra.

No final recairá sobre vós todo o sangue inocente que foi derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vós matastes no altar, dentro do templo.” (Mt 23, 29-35)

Com estas referências, creio estar a deixar mais ou menos claro o estado emocional em que me encontrava pelo que estava a viver. Rezava muito pedindo ao bom Deus que me desse forças, porque sabia que não devia entrar na briga com as pessoas que me atacavam, que nos atacavam... Não devia sequer defender-me...

Sabia que se caísse na tentação de lhes fazer frente, estaria a dar um gosto aos planos do demónio, como certamente os nossos detractores estariam a dar alegria ao maligno. Mas o meu lado humano, aquele que tantas vezes me custa dominar, queria sair como um touro ao encontro dos nossos atacantes.

Era nesse estado que me encontrava no dia 3 de Julho, e assim me tinha vindo a pôr no decorrer dos dias, das semanas... Era como se todas as amarguras se tivessem vindo a juntar.

Voltávamos a casa e eu fui para a parte posterior do carro, no caminho rezámos o Santo Terço e encontrei muito consolo na oração, porque sentia a Virgem junto de mim de uma maneira muito especial. Não me dizia nada, mas invadiu-me uma doçura que costuma anteceder a Sua Presença.

7. A minha pequena tristeza e a enorme tristeza da Virgem Maria

No dia 4 de Julho acordei com muita dor de cabeça. Tinha-me subido a tensão, coisa muito rara em mim pois pelo contrário tenho-a baixa. Tinha-mos um convite para almoçar com pessoas que muito aprecio e a quem me custava ter de falar, mas realmente não me sentia bem. Estava a fazer um esforço para abrir os olhos, porque a luz me incomodava, quando veio até mim a voz doce de Maria:

- Filhinha, queres ficar Comigo hoje?

Disse-lhe imediatamente que sim, e iluminou-se-me o dia! Desculpei-me, desta vez sem sentimento de culpa; realmente doía-me a cabeça mas, além disso, ficava com Ela... Não quis dizer nada a ninguém a respeito disso.

Foi assim que, quando todos saíram, corri a pegar no meu Terço para me unir à Virgem, porque Ela já tinha dito que quando recitamos o Santo Terço, se torna presente na primeira oração e acompanha-nos, rezando por Sua vez para interceder por nós e enviando com os Seus Anjos as nossas orações aos pés do Altíssimo.

Terminado o 4º Mistério Glorioso ouvi a Sua voz:

- Oferece ao Senhor todos os teus sofrimentos, tudo quanto viveste nestes meses, por este país, pelas autoridades, pela Igreja e por toda a gente deste lugar. Há demasiada dor nos corações, há demasiado rancor, que dia a dia é alimentado, sem pensar em quantas pessoas, com o seu doloroso exílio - porque todo o exílio é doloroso - estão a ajudar a salvar tantas almas... Mas quantas mais poderiam salvar se em vez de se lembrarem do seu triste passado ou das circunstâncias do seu exílio, se propusessem evangelizar todos os dias uma alma...

Ainda não estou autorizada a transcrever toda a mensagem que recebi naquele momento, mas sim a comentar que a Sua voz estava muito triste quando me disse que intensificássemos as orações e sacrifícios para que se detivessem as guerras, porque uma guerra levaria todos os nossos países a uma situação muito mais angustiante. Falou-me de outras coisas e finalmente, com um tom maternal, pediu-me que não ficasse magoada com os outros por terem esquecido a data.

- Assim estão os homens, assim está a humanidade... É mais fácil lembrarem-se dos festejos do mundo que de uma aparição que foi mais um presente de Deus para a humanidade e para o meu povo.

A certa altura, quase como num soluço, a Virgem disse-me que perdoava aquele Seu filho que estava a magoar mais o Seu coração que o meu, porque Ela tinha querido ensinar-lhe outro caminho, através da humildade.

Disse-me que Ela sofria quando um de nós sofria, mas que estava sempre perto para nos consolar, para nos ajudar a oferecer os nossos sofrimentos, porque oferecidos ao Senhor serão sempre redentores.

Comecei a chorar muito, sentindo a dor de Maria na Sua preciosa voz. É certo que passaram pela minha mente desejos horríveis, porque não me importa que me magoem a mim mas sim ao seres que amo, e à Virgem, muito mais!

Ela pediu-me que não permitisse que esses sentimentos obscurecessem a dor que podia oferecer limpa a Jesus. Que escrevesse a essa pessoa e lhe dissesse que, se ele pudesse ver os Seus olhos, longe de encontrar aceitação pelo que estava a fazer, seguramente veria a tristeza que lhe provocava... Prometi-lhe que o faria com a Sua ajuda, mesmo que ainda não me tenha disposto a fazê-lo.

Por fim, quando me dava a Sua bênção, permitiu-me ouvir um maravilhoso coro que com milhões de vozes de diferentes matizes e tons cantavam: *Ave, ave, ave Maria... Ave, ave, ave Maria...*

Fiquei com muita paz no coração. Comecei a pensar que se o Senhor permitia que recebêssemos esta injustiça, da parte daqueles irmãos em Cristo, era porque queria fazer algo muito grande e senti-me, no meio da minha dor, feliz por poder ajudar mais uma vez o Senhor, que é sempre tão bom connosco.

Segunda Parte

*O meu encontro com “O Cristo
Quebrado”*

1. Da mão do Senhor...

Há alguns dias fomos à livraria religiosa de um nosso bom amigo. Hugo, meu esposo, tinha ficado em casa, porque aqui as distâncias são terrivelmente cansativas e exigem ficar sentado durante muitas horas.

Decidi comprar umas cassetes áudio para as ouvirmos juntos, como fazemos com frequência. Na estante só ficava uma cassette: “O Meu Cristo Quebrado”, do P. Ramón Cué, SJ. Peguei na fita, lembrei-me da minha versão daquela história e – certa de que eu já conhecia o conteúdo – pensei: “Bom, levo-a e que Hugo a ouça.”

Nesse momento o Senhor diz-me: “E tu também!”

Eu respondo: “Se eu já conheço a história... Mas está bem, também eu, Senhor”.

Aproximo-me do balcão da caixa para pagar a minha conta, quando Marta me pede que a ajude a contar as medalhas e cruzeiros que estava a comprar para um trabalho do Apostolado.

Começo a fazê-lo e para minha surpresa vejo que, na caixita onde estavam todas as medalhas, havia um único pequeno crucifixo de metal. Foi o que vi num primeiro momento, mas quando o levantei dei-me conta que era só um Cristo, não tinha cruz...

Era simplesmente um Cristo que estava despregado, tinha os rebites saídos na parte detrás, mas faltava-lhe o braço esquerdo. Olho imediatamente para a cassette com a gravação de “O Meu Cristo Quebrado” e pergunto ao Senhor se isto não seria “uma coisa Sua”.

- Assim é, por isso te disse para ouvires também a gravação – responde-me o Senhor.

Digo a todos: “Este Cristo quebrado é para mim porque acabo de comprar a cassette do “Cristo Quebrado”. Fizemos alguma brincadeira mas ninguém se apercebeu de tudo o que se estava a sacudir dentro de mim. Tinha pressa para escutar essa gravação, para chegar a casa, para me pôr em oração, para esperar que o Senhor me dissesse algo mais... Bom, são coisas que se costumam passar comigo, e que geralmente guardo comigo...”

Fui dar uma volta pela loja, à procura de umas estampas com a cara de Jesus, cópias de um quadro pintado por uma senhora que as leva lá para serem vendidas. O rosto é belo, e pensei adquirir mais alguma estampa para a minha família. As senhoras que trabalham ali estavam à procura delas sem as poderem encontrar, quando ouvi novamente a voz do Senhor que me dizia: “Leva esta outra.”

O meu olhar voltou-se para o lado que o Senhor interiormente me indicava e pego numa estampa de um Cristo crucificado muito belo, uma estampa trazida do Canadá, segundo pude ler nas costas.

O Senhor guiou-me para outras estampas: "Leva esta outra... e mais esta... assim já tens o que precisas."

Uma delas, enorme, representa Jesus despregado da Cruz com as mãos ainda a deitar sangue, segurando pelas axilas um jovem que veste um uniforme camuflado, desses que se usam na guerra. Lembrei-me imediatamente da mensagem da Virgem. Mas a outra é uma imagem da Santíssima Virgem, muito triste e compreendo a lembrança da mensagem que diz: "oferece os teus sofrimentos unidos aos de Jesus por aqueles que estão na guerra, para que não venha uma nova guerra, pela paz do mundo..."

As pessoas que estavam comigo olharam para mim com um pouco de assombro, mas só um pouco. Estão cada vez mais a habituar-se a ver-me agir assim (rara, diria a gente do mundo) em circunstâncias similares.

Quando já íamos a sair vejo um quadro quase idêntico a um que tenho em casa, do qual unicamente difere o rosto de Jesus. Está a caminhar sobre as águas. Gostei do contexto deste, a mensagem é muito significativa, pensei em oferecê-lo a David para o seu novo escritório e levei-o para a caixa para o pagar. O dono, meu amigo João David, diz-me: "Este ofereço-to eu a ti".

Voltei a cara para o outro David e disse-lhe que lamentava, mas que acabava de ficar sem quadro, porque não podia oferecer-lhe o que me era dado com tanto afecto. Ao mesmo tempo senti-me feliz... Mas, imediatamente registo o facto e revivi um acontecimento que, retrocedendo no tempo, vos contarei agora.

2. Voltam as... recordações?... coincidências?

Há pouco mais de três anos e meio, precisamente no dia em que decidimos que mudaríamos para o México para trabalhar a partir de lá, na cidade de Mérida, Yucatã, fomos à Igreja para participar na Santa Missa. Ao entrar vi pelo vidro da porta que havia uma pequena tenda de artigos religiosos e os meus olhos pousaram sobre um quadro de Cristo caminhando sobre a água, o colorido e a imagem impressionaram-me e comentei isso com Marta. Aí ficou.

Ao entrar vi o Patrono desse Templo no Altar-mor e fiquei quase sem fala, de prazer e da alegria. Diante de nós estava pintada na parede uma imagem muito bela de Jesus Misericordioso, numa versão algo diferente da mais conhecida, sobre um fundo claro, bonito...

Haveria de ser precisamente essa a nossa capela, a que nos corresponderia pela proximidade da casa em que iríamos morar e que estava a um par de quarteirões dali. O meu coração deu uma guinada, pelas maravilhas que a Devoção ao Senhor da Misericórdia fez na minha família e em muita gente próxima de nós.

Durante a oração pessoal da minha Comunhão, agradei ao Senhor por ter facilitado as coisas para este novo destino, pelo senhor Arcebispo e pelo Reitor desse Santuário que nos iriam acolher, pelas maravilhosas pessoas que Deus tinha posto junto de nós.

Tinham passado apenas dois dias quando, durante uma Missa na cidade do México, tinha chorado muito durante a Comunhão, dizendo a Jesus que tinha medo, algum lamento e talvez um pouco de autocompaixão, que me sentia como exilada por parte de pessoas que eram minhas irmãs na fé, que no meu entender deviam ajudar-nos e pelo contrário nos rejeitavam.

Nessa ocasião Jesus disse-me:

- Nunca mais voltas a sentir-te e a pensar assim. Não sois exilados, pelo contrário, sois Meus Embaixadores e assim sereis tratados.

Nesse momento lembrei-me daquilo e vendo que as Suas promessas já começavam a cumprir-se, pedi-lhe que nos guiasse em todo o momento. A mudança de um país para outro, sem conhecer o meio, os costumes, com minha mãe idosa, doente, com toda uma família... tudo aquilo me causava inquietação e um certo temor.

Imediatamente surgiu o consolo do Senhor, pois ao sair da igreja, aproximou-se de mim Fafy, uma mulher de rosto muito doce que acabava de conhecer, alguém que é como a alma dessa comunidade, não só pela sua alegria e pela claridade e transparência do seu olhar, mas porque além disso trabalhou desde o primeiro momento, quando todo esse Santuário era apenas um projecto na cabeça de um punhado de pessoas, com muita fé e a firme decisão de erigir um centro de devoção à Divina Misericórdia.

Então Fafy abraçou-me fraternamente, deu-me um beijo e disse-me mais ou menos estas palavras: “Já me disseram que vêm viver aqui. Bem-vinda a Mérida, Catalina. Toma isto, é um pequeno docinho para ti” – E estendendo os braços entregou-me o quadro de Jesus caminhando sobre as águas que tanto me tinha chamado a atenção uma hora antes, ao entrar na Igreja.

Consegui murmurar um agradecimento, mas fiquei a olhar para o quadro e as minhas lágrimas não puderam deter-se e começaram a escorrer pelo meu rosto. Só nesse momento compreendi o significado profundo de todas essas “Divinas coincidências”: era assim que Jesus nos queria na nova etapa que estávamos a começar! Caminhando sobre as águas, confiantes plena e unicamente Nele e acolhidos na Sua Divina Misericórdia. É assim que Ele quer que nós, os Seus, caminhemos sempre pela vida, movidos unicamente pela fé e pelo amor.

Agora, na livraria de João David, tinha nas minhas mãos, novamente um quadro, quase idêntico ao outro e por segundos vi-o cheio de luz. Então compreendi que tinha um tema de profunda meditação para o resto da noite.

Era já tarde, e assim não pude, ao chegar a casa, ouvir a cassette de “O meu Cristo Quebrado”, Hugo tinha-o levado para a sua mesinha de cabeceira e não quis fazê-lo, devia esperar.

David e Marta já tinham viajado de regresso a Mérida, fui rever a minha correspondência e através de algumas pessoas conhecidas novamente me inteirei dos últimos passos que estavam a ser dados pelos amigos das trevas, que da escuridão disparavam sobre nós pelas costas.

Doeu-me muito porque o ataque vinha novamente de uma pessoa que deveria estar a dar um exemplo de caridade, do amor que devia testemunhar todo o verdadeiro condutor de almas. Que triste testemunho!

Depois do almoço peguei no leitor, na cassete, e fui para o quarto para descansar um pouco e ouvir finalmente a conferência do Padre Cué, “O meu Cristo Quebrado”.

Pus perto de mim as imagens que tinha comprado e fiz uma oração invocando o Espírito Santo para que me concedesse a docilidade e o discernimento necessários para compreender aquilo que o Senhor me queria dizer.

3. A obra que inspira este testemunho:

O Meu Cristo Quebrado, do Padre Ramón Cué, S.J.

3.1. Comércio de Cristos

Encontrei o meu Cristo Quebrado em Sevilha. Em termos de arte o tema de Cristo na Cruz domina-me. A minha preferência vai para os Cristos barrocos espanhóis. A última vez, fui na companhia de um bom amigo meu. O Cristo, que escolha! Pode-se encontrá-lo no meio de parafusos, pregos, sucata oxidada, roupa velha, sapatos, livros, bonecas quebradas ou litografias românticas. A questão, é saber procurá-lo. Porque Cristo anda e está no meio de todas coisas desta desarrumada e inverosímil trilha que é a Vida.

Mas naquela manhã aventurámo-nos pela casa do artista, é mais fácil encontrar o Cristo aí. Mas muito mais caro! Já é zona de antiquários. É o Cristo com imposto de luxo, o Cristo que os turistas enriqueceram, porque desde que o turismo se intensificou, também Cristo é mais caro.

Visitámos apenas duas ou três lojas e andávamos pela terceira ou quarta.

- Ehhmm, Quer alguma coisa padre?

- Dar uma volta pela loja, olhar, ver, nada mais.

De imediato... à minha frente vi um Cristo sem cruz deitado sobre uma mesa. Ia correr para ele, mas travei o meu ímpeto. Olhei para o Cristo de soslaio, ele conquistou-me desde o primeiro instante. Claro que não era o que eu procurava, era um Cristo quebrado. Mas foi esta mesma circunstância que me ligou a Ele, não sei porquê. Primeiro fingi interesse pelos objectos que me rodeavam até que as minhas mãos se apoderaram do Cristo. Dominei os meus dedos para não o acariciar! Os olhos não me tinham enganado... não. Deve ter sido um Cristo muito belo, era um impressionante

despojo mutilado. Obviamente, não tinha cruz, faltava-lhe meia perna, um braço inteiro, e embora conservasse a cabeça, tinha perdido o rosto.

O antiquário aproximou-se, pegou no Cristo quebrado e...

- Ohhh, é uma magnífica peça, vê-se que tem gosto padre, observe que esplêndida talha, que boa manufactura...

- Mas... está tão quebrada, tão mutilada!

- Não tem importância padre, aqui ao lado há um magnífico restaurador, meu amigo e vai deixá-lo, para si, como novo!

Voltou a sopesá-lo, a louvá-lo, acariciava-o entre as mãos, mas... não acariciava o Cristo, acariciava a mercadoria que, para ele, se ia converter em dinheiro.

Insisti, duvidou, fez uma pausa, olhou por uma última vez para o Cristo fingindo que lhe custava separar-se Dele e estendeu-o para mim num arranque de fingida generosidade, dizendo-me resignado e doloroso:

- Tome padre, leve-o consigo, por ser para si e saiba que não ganho nada, 3000 pesetas não mais. O senhor leva consigo uma jóia!

O vendedor exaltava as qualidades para manter o preço. Eu, sacerdote, diminuía-lhe os méritos para o baixar... de repente estremeci. Disputávamos o preço de Cristo. Disputávamos o preço de Cristo, como se fosse uma simples mercadoria! Lembrei-me de Judas... Não era aquela também uma negociação de Cristo? Mas quantas vezes vendemos e compramos Cristo, não de madeira mas de carne, nele e nos nossos próximos! A nossa vida é muitas vezes uma negociação de cristos.

Bem... cedemos os dois... baixou para 800 pesetas. Antes de me despedir, perguntei-lhe se sabia a procedência do Cristo e a razão daquelas terríveis mutilações. Numa informação vaga e incompleta disse-me que pensava que procedia da serra de Arasena, e que as mutilações se deviam a uma profanação do tempo da guerra.

Apertei o meu Cristo com afecto... e saí com e Ele para a rua. No final, já de noite, fechei a porta do meu quarto e encontrei-me só, cara a cara com o meu Cristo. Vendo-o assim, qual ensanguentado despojo mutilado, decidi perguntar-lhe:

-Cristo, quem foi que se atreveu a fazer isto contigo? Não lhe tremeram as mãos quando lascou as tuas ao arrancar-te da cruz?! Ainda está vivo? Onde? Que faria hoje se te visse nas minhas mãos?... Arrependeu-se?

- CALA-TE! Interrompeu-me uma voz cortante.

-CALA-TE, perguntas demasiado! Crês que tenho um coração tão pequeno e mesquinho como o teu? CALA-TE! Não me perguntes nem penses mais naquele que me mutilou, deixa-o, que sabes tu?

Respeita-o! Eu já o perdoei. Esqueci-me instantaneamente e para sempre dos seus pecados. Quando um homem se arrepende, Eu perdoo de uma só vez, não por mesquinhos concedimentos como vós.

- Cala-te! Porque é que não te ocorre, perante os meus membros quebrados, lembrar-te de seres que ofendem, ferem, exploram e mutilam os seus irmãos, os homens? O que é mais pecado? Mutilar uma imagem de madeira ou mutilar uma imagem minha viva, de carne, na qual Eu palpito pela graça do baptismo? Oh hipócritas! Rasgais as vossas vestes perante a lembrança daquele que mutilou a minha imagem de madeira, enquanto apertais a mão ou prestais honrarias àquele que mutila física ou moralmente os cristos vivos que são os vossos irmãos.

Eu respondi: “Não posso ver-te assim, destroçado, mesmo que o restaurador me cobre o que quiser. Tu mereces tudo! Dói-me ver-te assim. Amanhã mesmo te levarei à oficina. É verdade que aprovas o meu plano? É verdade que gostas dele?”

- NÃO, NÃO GOSTO! – Respondeu o Cristo, seca e duramente.

- ÉS IGUAL AOS OUTROS E FALAS DEMASIADO!

- Sim Senhor, prometo-te, não te restaurarei.

- Obrigado – respondeu-me o Cristo. O seu tom voltou a dar-me confiança.

- Porque não queres que te restaure? Não te compreendo. Não compreendes Senhor, que vai ser para mim uma contínua dor de cada vez que te vir quebrado e mutilado? Não compreendes que me dói?

- É isso que Eu quero, que ao veres-me quebrado te lembres te lembres sempre de tantos teus irmãos que convivem contigo; quebrados, esmagados, indigentes, mutilados. Sem braços, porque não têm possibilidades de trabalho. Sem pés, porque lhes fecharam os caminhos. Sem rosto, porque lhes tiraram a honra. Todos os esquecem e lhes viram as costas. Não me restaures, para ver se, ao veres-me assim, te lembras deles e te dói, para ver se assim, quebrado e mutilado, te sirvo de chave para a dor dos outros! Muitos cristãos se tornam devotos, com beijos, com luzes, com flores sobre um Cristo belo, e esquecem-se dos homens, seus irmãos, Cristos feios, quebrados e sofredores.

Há muitos cristãos que tranquilizam a sua consciência beijando um Cristo belo, uma obra de arte, enquanto ofendem o pequeno Cristo de carne, que é o seu irmão. Esses beijos repugnam-me, dão-me asco! Tolero-os forçadamente nos meus pés de uma imagem talhada em madeira, mas ferem-me o coração. Tendes demasiados cristos belos! Demasiadas obras de arte da minha imagem crucificada. E estais em perigo de vos ficardes na obra de arte.

Um Cristo belo pode ser um perigoso refúgio onde se esconder na fuga da dor alheia, tranquilizando ao mesmo tempo a consciência num falso cristianismo. Por isso deveríeis ter mais Cristos quebrados, um à entrada de cada igreja, que gritasse sempre, com os seus membros partidos e a sua cara sem forma, a dor e a tragédia da minha segunda paixão, nos homens meus irmãos! Por isso te suplico, não me restaures, deixa-me quebrado junto a ti, embora amargure um poço a tua vida.

- Sim Senhor, prometo-te – respondi. E um beijo no seu único pé lascado, foi a assinatura da minha promessa. A partir de hoje viverei com um Cristo Quebrado.

3.2. Deus tem mão esquerda

Na mesma tarde em que comprei o meu Cristo, perguntei ao antiquário onde estaria o braço direito.

- Oh, é impossível encontrá-lo! – respondeu-me – E não pense que já não revolvemos todo o celeiro para onde foi atirada a imagem mutilada. Encontrámos, isso sim, a perna esquerda e guardamo-la, mas da mão direita, nem rasto!

Senhor, o antiquário não sabia onde estava a tua mão direita, mas Tu, Tu sim sabes. Estás continuamente a despregá-la e escapa-se sempre. Não, não me espanto que não a tenhas, anda por aí, invisível mas eficaz.

Quem não sente, de vez em quando, o suave toque da mão chagada de Cristo? Essa mão invisível que, sem bater à porta, se mete em todo o lado; no hospital, no leito de morte, na oficina, no escritório, na fábrica, no cinema, no teatro... Infiltra-se silenciosamente como uma lufada luminosa e musical. Não podemos dar um passo na vida sem tropeçar com a mão de Deus. Mas tu, meu Cristo quebrado, só tens a mão esquerda.

E imaginei que me dizia, depois de sentir que o meu Cristo sorria silenciosamente: “Quão pouco e mal me conheceis, que seria de vós, homens, se eu não tivesse mão esquerda? Tenho-a, não para evitar que me crucifiquem, mas para conseguir que meu pai não vos condene. Eu não uso a minha mão esquerda para me salvar da cruz, mas para vos salvar do inferno. Compreendes agora?”

Toda a trágica e divina aventura da nossa vida, está em nos deixar-mos guiar pelas mãos de Deus. Mas há em nós um elemento difícil, esquivo e perigoso: a liberdade. E Deus respeita-a misteriosa e infinitamente.

Para nos conquistar Deus dispõe de duas mãos, a direita e a esquerda que representam duas técnicas e duas tácticas. A mão direita é clara, aberta, transparente e luminosa. A mão esquerda procura atalhos, dá voltas, é cálculo, diplomacia, não tem pressa, se for necessário actua à distância e dissimula a voz, mas ainda que esquerda não é maquiavélica e traidora, porque a move o amor.

Para cada alma Deus tem duas mãos, mas usa-as de modo distinto porque todas as almas são diferentes. Com a direita, como a pombas brancas ou a ovelhas dóceis, Deus guiava João Evangelista, Francisco de Assis, João da Cruz, Francisco Xavier, as duas Teresas...

Para conquistar Pedro, Paulo, Madalena, Agostinho, Inácio de Loiola, Deus teve que usar a esquerda. Diante da mão direita, revoltam-se, então entra em jogo a esquerda. Procura um disfarce e transforma-se em raio, em bala, tenta ser travão que nos detenha, quer levantar-nos da lama em que caímos, entra-nos no peito para ver se consegue amaciar os nossos corações. Os seus recursos são infinitos, hoje dissimula-a com modernos e actuais disfarces, é o ser mais actual...

Rebenta uma barragem que arrasta que arrasta as minhas terras! Tenho um descuido inexplicável no trabalho no trabalho, e a máquina corta-me um braço. Viajávamos num carro a 100 à hora, um camião surgiu inesperadamente à nossa frente, no acidente morreram a minha esposa e um filho e fiquei só na vida. Nunca tive uma doença, mas o médico diz-me que tenho algo que não tem cura...

Perante a mão esquerda de Deus, a primeira reacção é um grito de rebeldia e desespero, esquecemos a barragem, o carro, o traidor, a morte, porque adivinhamos que eles não têm, definitivamente, a culpa. Pressentimos Deus como responsável por essa dor que, por ser tão terrivelmente profunda, não pode vir das criaturas e logicamente confrontamo-nos com Deus. Gritamos-lhe, solicitamos-lhe, protestamos contra Ele, exigimos Dele, condenamo-lo! “PAI...! SE FOSSES PAI, NÃO ME TRATARIAS ASSIM!” Gritamos, protestamos, revoltamo-nos e depois... ficamos sós.

E surgem as primeiras lágrimas nervosas e ardentes e, sem nos darmos conta, surge a primeira oração. Voltamos a protestar contra Deus, contra a nossa primeira oração... Sucede o cansaço, as lágrimas já são mais serenas, já rezamos sem protestar, temos vontade de beijar alguma coisa. O quê? Oh sim, isso, já descobrimos, um crucifixo, e com um beijo dizemos a Deus, que o que Ele dispuser está bem...

Terrível, violenta, dura, implacável, mas bendita mão esquerda de Deus. Formulam-se expressões absurdas: “Bendita barragem que rebentou, arrasou a minha fábrica, mas aproximou-me de Deus, eu andava muito longe Dele”.

Meu Cristo quebrado, digo-te em meu nome e de todos, porque todos somos corajosos para te pedir agora: Senhor, se para nos salvar não basta a ternura da tua mão direita, solta a tua esquerda, disfarça-a com o que quiseses: fracasso, calúnia, ruína, acidente, morte. Cristo, que sejamos filhos da tua mão, da tua mão direita ou da tua mão esquerda.

Na cabeceira da tua cama, amigo, ou na tua mesinha de cabeceira, tens um Cristo cravado na cruz. Porque é que, esta noite, antes de te deitares, não lhe beijas a mão esquerda? Deus saberá compensar esse gesto de coragem e resignação cristã.

3.3 Perdeu-se uma Cruz

Atenção! Perdeu-se uma cruz e não se encontra, é do meu Cristo quebrado. Alguém encontrou uma cruz? Quereis os sinais? O tamanho? Não é muito grande, mas é uma cruz e não há cruz pequena, além disso é uma cruz para Cristo e então não há maneira de a medir. Estes sinais são suficientes porque, definitivamente, todas as cruzes são iguais.

Perdoai, pois, a minha insistência. Quem de nós não encontrou uma cruz? Melhor dito: Quem não tem uma cruz? É um direito de propriedade irrenunciável que se exerce sempre, todos a levamos. Levamo-la em cima de nós, às costas, mesmo que não se veja, mesmo que sorriamos.

Às vezes porque oculta, é mais pesada. Esta noite ao deitarmo-nos, não podemos deixá-la pendurada no cabide. De manhã, ao levantarmo-nos, não será necessário vesti-la, sairemos da cama com ela já posta.

Qual de vós encontrou uma cruz? Todos... todos, bons e maus, santos e criminosos, saudáveis e doentes, nem sequer respeita aqueles que parecem desafiar a dor com as gargalhadas e festas da sua vida.

Essa pobre mulher que, maquilhada e aborrecida, espera sentada ao balcão do café ou estrategicamente encostada na esquina, leva uma pavorosa cruz às costas; pesa tanto que se apoia encostando-se à esquina; é uma cruz mais pesada do que pensamos e aquele que se aproxima dela procurando o prazer, fá-lo para fugir de outra cruz. Os dois falam, regateiam, prometem, finalmente chegam a acordo e lá vão pela rua fora, com pressa e com a cruz às costas; e quando regressam, quando já tentaram aplacar a sua fome de felicidade, sentem defraudados que a sua cruz aumentou, que está maior. Nela, asco e envilecimento, nele, desolação.

Toda a cidade é, em definitivo, um bosque, uma selva, uma colmeia de cruces. E sabes, amigo, porque é que às vezes a nossa cruz se torna intolerável? Sabes porque é que chega a converter-se em desespero e suicídio? Porque então a nossa cruz é uma cruz só, sem Cristo, somente se pode tolerar quando leva um Cristo nos seus braços.

Uma cruz laica, sem sangue nem amor de Deus, é absurda, não tem sentido, por isso, ocorre-me uma ideia: Eu tenho um Cristo sem cruz e tu talvez tenhas uma cruz sem Cristo. Os dois estão incompletos. O meu Cristo não descansa, porque lhe falta a sua cruz, tu não aguentas a tua cruz porque te falta Cristo. Porque não dás esta noite a tua cruz vazia a Cristo? Tu tens uma cruz sem nada, vazia, gelada negra, sem sentido. Compreendo-te, sofrer assim é irracional e não compreendo: Como pudeste tolerá-la durante tanto tempo? Tens o remédio nas tuas mãos... anda lá, dá-me essa tua cruz, dá-ma, em troca dou-te este Cristo sem repouso e sem cruz. Toma, é teu, dá-lhe a tua cruz, toma o meu Cristo; junta-os, prega-os, abraça-os e tudo mudará.

O meu Cristo quebrado descansa na tua cruz, a tua cruz torna-se mais branda com Cristo nela. Encontrámos uma cruz, a nossa, que se revela ser a de Cristo...

Quem te partiu a cara?!

Cristo, eu tinha ouvido esta ameaça muitas vezes em lábios trémulos de ódio: “OLHA QUE TE PARTO A CARA!” E pensei sempre que tudo tende a ficar num murro, ou numa punhalada na face. Só em Ti se cumpriu literalmente a brutal ameaça, partiram-te a cara com um só golpe.

Eu tê-la-ia restaurado, mas Ele proibiu-mo. Por isso me dedico a um jogo de fantasia e carinho, a restaura-la idealmente, colocando sobre a sua cabeça sem feições, as caras que a arte universal sonhou para o meu Cristo. Consumo neste jogo, museus, colecções, galerias, catedrais e pinacotecas. Tudo vai passando pelo corte da sua cara num desfile lento, e sinto-me Velázquez ou João de Meza, com um patetismo barroco, ou Montanhés com olímpica beleza, ou Leonardo, de infinita tristeza.

Mas há alguns dias, tive também de renunciar à consolação deste jogo, o Cristo quebrado é terrível na sua exigência! Não concede tréguas, e também mo proibiu. Eu no princípio pensei que Ele gostava, pelo menos tolerava-o em silêncio, até que um dia me repreendeu severamente:

- BASTA! Não me ponhas mais caras, tolerei o teu jogo demasiado tempo. Ainda não compreendeste? Não me ponhas mais essas caras que pedes como esmola, à arte dos homens. Quero ficar assim, sem cara! Prometeste que nunca me restaurarias... a não ser que queiras experimentar outro jogo, pôr-me outras caras. Essas sim... aceita-las-ei.

- Quais Senhor? Pôr-tas-ei imediatamente. Diz-me que caras são e eu ponho-tas.

- Temo que não compreendas, inclusivamente que te escandalizes como os fariseus... Refiro-me a outros rostos, mas reais, não fingidos como os que inventavas, e que são também meus, como o que me cortaram de um golpe.

Ah, eu penso adivinhar Senhor, referes-te às caras dos santos, dos apóstolos, dos mártires...

Essas caras na verdade são minhas. Ninguém mas nega nem mas regateia. Mas eu quero outras, reclamo-as, muito poucos se atrevem a usá-las, mas Eu sim.

Fiz uma pausa, como para recuperar forças. Ele respirou profundamente. Eu estava assustado, tinha medo, mas não tinha remédio. Então disse-me:

Ouve, não tens por aí um retrato do teu inimigo? Desse que tem inveja de ti e que não te deixa viver; do que, por sistema, interpreta mal todas as tuas coisas, do que fala continuamente mal de ti, do que te arruinou, do que deu informações más e decisivas sobre ti, do traidor que te fez uma rasteira, do que conseguiu tirar-te do lugar que tinhas, do que te denunciou, do que te meteu na prisão...

- Cristo, não continues!

- É demasiado, não é verdade?

- É desumano, é absurdo...

- Olhaste bem para a cara dos leprosos, dos anormais, dos idiotizados, dos mendigos sujos, dos imbecis, dos loucos...?

- E...? E vais dizer-me Cristo, que essas caras são tuas e... e que te as ponha? Não, não, impossível.

Espera! Ainda não acabei... Toma bem nota desta última lista e não esqueças nenhum rosto: Tens que me por a cara do blasfemo, do suicida, do degenerado, do ladrão, do bêbado, do assassino, do criminoso, do traidor, do viciado. Não ouviste? Preciso que ponhas todos estes rostos sobre o meu!

- ... Não, não Senhor... - respondi – Não compreendo nada! Todos estes rostos miseráveis e corrompidos sobre o teu, sagrado e divino?

- Sim, assim o quero! Não vês que todos eles pertencem a esta pobre humanidade sofredora criada por meu pai? Não te dá conta que eu dei a vida por todos? Talvez agora compreendas o que foi a Redenção.

Escuta: Eu, como filho de Deus, fiz-me voluntariamente responsável por todos os erros e pecados da humanidade. Tudo pesava sobre Mim, meu Pai inclinou-se do céu para Me ver na cruz e contemplar-se no Meu rosto, fixou os seus olhos em Mim e o seu pasmo foi infinito. Sobre o meu rosto viu, sucessiva e vertiginosamente, sobrepostas as caras de todos os homens. Do céu, durante aquelas três horas terríveis da minha agonia na cruz, contemplava o desfile trágico da humanidade vencida, enquanto Eu lhe dizia:

“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!” Não era só Eu que morria na cruz, eram milhares e milhares de seres humanos doentes, muitos derrotados pelas suas próprias paixões, pelos seus erros, pelos seus pecados. O desfile era terrível, repugnante, grosseiro. Meu Pai viu passar sobre o meu rosto a cara do soberbo; a do sectário, imaginando a destruição de Deus, a do assassino frio e desalmado...

Havia lábios repugnantes, olheiras profundas marcadas pelo fogo da luxúria, hálitos insuportáveis pela embriaguez, palidez de madrugadas enlameadas pelo vício, esgares sórdidos de amargura e desespero, perturbadores olhares de perversão e delito, de subterrâneas anormalidades inconfessáveis e obscuras. Toda a derrota e as chagas de uma humanidade inveterada, a agonia, a morte. E meu Pai... Deus, amou-as a todas e perdoou os seus pecados.

O meu Cristo calou-se, que pobre e ridícula me pareceu a arte dos homens e que profundo e insondável o amor de Deus. E desde então, emudeceu. Não voltou a falar-me mais.

Não esqueçamos esta suprema e difícil lição. Não esqueçamos nunca a superfície lisa do rosto do meu Cristo, cortado verticalmente. Poderíamos compará-lo com uma moldura vazia. Nela se nos oferece a oportunidade de colocar a cara daquele ou daqueles que nos fizeram mal ou que odiamos profundamente, fazendo-nos mais mal a nós mesmos que a quem é objecto do nosso rancor.

Sim..., sim, sejamos valentes! Recordemos o rosto que maior ódio e antipatia nos produza, aproximemo-lo de Cristo, ainda que sintamos o nosso pulso tremer. Coloquemo-lo sobre o seu e imaginemos que o nosso inimigo, esse ser que odiamos, ocupa um lugar na cruz. Fechemos os olhos, aproximemo-nos do crucificado e beijemos, reverentes e humildes, a sua figura.

Ao beijarmos um Cristo, com o rosto do nosso inimigo, uma voz cálida e musical, paternal e bondosa, nos envolverá. Aquela que há muitos séculos nos deixou a maior e maravilhosa herança que um homem pode ter, encerrada em apenas seis simples palavras: “Amai-vos uns aos outros”.

4. Volta ao meu testemunho

Não é verdade que é impressionante o que Deus nos diz através do padre Cué? Não é necessário que diga agora quanto me comovi ao escutar essa cassete que aqui partilho por escrito; de facto, essa é a origem de todo este testemunho...

Devo confessar-vos que ao princípio, quando o “Cristo quebrado” começa a falar ao sacerdote que o comprou, me chocou um pouco, pela forma dura com que, na fita, fala quem interpreta o Senhor.

Mas à medida que ia ouvindo o diálogo, ia sentindo que era o próprio Deus que falava, especialmente quando o Cristo dizia... *“Rasgais as vossas vestes perante a lembrança do que mutilou a minha imagem de madeira, entretanto apertais a mão àquele que mutila os seus irmãos...”*; *“Há muitos cristãos que tranquilizam a sua consciência beijando um Cristo belo... enquanto ofendem o pequeno Cristo de carne que é o seu irmão...”*

Pensei nas tantas dores que temos de sofrer os que tentamos fazer alguma coisa para levar as almas para Jesus... Quantas pessoas ofendem sem razão e sem motivo magoam e humilham aproveitando-se do privilégio que lhes dá “o seu próprio altar”!

Quando ouvi que ao seu Cristo lhe faltava a mão direita, olhei de imediato para o meu pequeno Cristo, e constatei que a ele lhe faltava a esquerda. Então disse para mim mesma. “a este meu pobrezinho falta-lhe a esquerda”...

E a fita continuava: *“Para cada alma Deus tem duas mãos, mas usa-as de modo distinto porque todas as almas são diferentes. Com a direita, como a pombas brancas ou a ovelhas dóceis, Deus guiava João Evangelista, Francisco de Assis, João da Cruz, Francisco Xavier, as duas Teresas. Para conquistar Pedro, Paulo, Madalena, Agostinho, Inácio de Loiola, Deus teve que usar a esquerda.*

Diante da mão direita, revoltam-se, então entra em jogo a esquerda. Procura um disfarce e transforma-se em raio, em bala, tenta ser travão que nos detenha, quer levantar-nos da lama em que caímos, entra-nos no peito para ver se consegue amaciar os nossos corações. Os seus recursos são infinitos, hoje dissimula-a com modernos e actuais disfarces, é o ser mais actual.”

De repente sentei-me na cama, rodei a fita para trás, voltei a olhar uma vez mais para o meu pequenino Cristo e efectivamente, era o braço esquerdo. Disse-lhe:

- “Certamente, Senhor, é essa mão esquerda que tens usado comigo. Eu não posso estar na categoria da doce Teresinha do Menino Jesus, nem na pobreza e amor de São Francisco de Assis, inclino-me mais para o outro grupo... Sou talvez torpe como Pedro, soberba como Paulo foi, pecadora como Madalena... Mas, porque permites tudo isto? Não vês que eu não posso lidar com isso porque é Teu? Que mais queres, Senhor, desta pobre alma que não te serve de nada...?”

Desatei a chorar como já não o fazia há muito tempo. Acorreram-me imagens e situações vividas durante o último ano, desde a morte do meu pequeno irmão, passando pela morte da minha mamã, o de já não ter ido à minha pátria faz quase dois anos, os golpes baixos que recebi de pessoas a quem tanto quis e a quem tentei dar o melhor; os esforços que tive que fazer para me manter serena, paciente, sorridente com aqueles a quem ouvia falar mal de mim, e o esforço por tentar recebê-los com a autêntica face amorosa de Jesus, em vez de lhes dizer das boas ou de lhes mostrar a mesma careta hipócrita que eles me mostravam...

Os olhares que procurei não ver quando percebia que me vigiavam como a uma malfeitora, tentando ver em que armadilha caía; a pressão que muitas vezes tenho que suportar porque cada um quer que eu faça o que lhe parece que é melhor, sem ter em conta se é o que verdadeiramente quero ou posso fazer, e o constatar que nem com tudo o que possa fazer, pouco ou muito, consigo agradar a todos.

O esforço para não permitir que as minhas doenças me deixem um dia inteiro deitada na cama; as vezes que me acordam nas poucas horas que durmo porque tocou um telefone ou porque chegou o rapaz da água ou porque... bom, porque acontece a qual um. As vezes que tenho de lutar comigo mesma (essa é a primeira e mais dura batalha do dia, do momento, de cada instante que se repete!) sem poder terminar de domar esse potro selvagem que tenho dentro de mim e que às vezes quer dar coices até destroçar muitos currais.

O tentar conjugar os papéis de esposa, mãe, secretária, amiga, boa cristã, avó carinhosa, pessoa sociável, mãe espiritual afectuosa, (geralmente, é assim que nos chamam, às fundadoras de um movimento laico), o procurar estar apresentável e disponível na hora em que os outros precisem de mim, mesmo que só seja para falar de tontices, e pôr uma cara amável, tentando “dissimular” – se o termo se aplica – os momentos de desalento, de irritação, de desgosto, de cansaço, de terrível vontade de estar só um dia inteiro...

Então sim, ouvi claramente a voz de Jesus dentro de mim: **“Tudo isto te está a doer muito e no entanto resistes a chorar, estás a culpar-me...!”**

Não veio à tona o pensamento, nem ainda chegou ao meu consciente, porém Ele conhece até o último dos nossos pensamentos quando começam a tomar forma. Sinto uma terrível vergonha, como quem é apanhado em falta e peço-lhe: “Sim assim o fiz, perdoa-me, Senhor! Tem piedade de mim!”

Agora sim, é alto o meu pranto, acima de tudo magoei o Senhor. Sim, não sirvo para nada! Estou a auto-compadecer-me, eu que detesto as auto-compaixões...!

Nesse momento a gravação dizia: *“Meu Cristo quebrado, digo-to em meu nome e de todos, porque todos somos corajosos para to pedir desde já: Senhor, se para nos salvar não basta a ternura da tua mão direita, desprega a tua esquerda, disfarça-a do que quiseres: fracasso, calúnia, morte... Cristo, que sejamos filhos da tua mão, da tua mão direita ou da tua mão esquerda...”*

Estreitei o meu Cristo entre as minhas mãos e disse-lhe: “Perdoa-me, perdoa-me, perdoa-me Senhor, por esta dor que não pensa na Tua, perdoa-me...” Já não chorava alto, eram apenas soluços entrecortados.

Bebi um pouco de água, pus-me em oração e passada meia hora voltei a encostar-me na cama, e novamente liguei o gravador para acabar de ouvir a cassette.

“Atenção, perdeu-se uma cruz e não se encontra (...) Algum de vós, encontrou uma cruz? (...) Todos... todos, bons e maus, santos e criminosos, sãos e doentes (...)

Ouço novamente a voz do meu Senhor, junto com a outra, como em dueto com o intérprete da obra, mas em determinado momento apaga-se a voz da cassete para que eu ouça bem o que Jesus me diz:

- Vamos, dá-me essa tua cruz, dá-ma. Em troca dou-me Eu a tia... Toma-me, Sou teu, dá-me a tua cruz, toma-me... Junta-nos, prega-nos, abraça-nos e tudo terá mudado... Eu descanso na tua cruz e agora a tua cruz suaviza-se Comigo nela.

Jesus calou-se e continuou só o intérprete, novamente na gravação:

“Encontrámos uma cruz, a nossa, que parece ser a de Cristo. Quem te quebrou a cara?...”

Que mistura de sentimentos! A doçura que costuma invadir com a voz do Senhor, a vergonha por me sentir tão débil, a gratidão pela sua consolação... Despojamento perante a Sua amada Presença em todo o meu sangue e em todo o meu espírito!

Sentia-me como um cãozinho a quem o dono senta nos seus joelhos para o acariciar, quando está muito magoado pelas garras e dentadas dos cães do bairro estranho. Não tem mais que o seu dono, só quer que ele o acaricie e cure as suas feridas, porque estão demasiado abertas para que outra mão possa aproximar-se. Só a voz daquele que tudo lhe proporciona é capaz de o sossegar. Só aquele que o misericordiosamente o limpa quando os outros lhe batem pode esperar que, em sinal de gratidão lhe lamba a mão...

...E apenas a Ele obedecerá e cuidará, e ajudará mesmo que só seja dando latidos para correr atrás dos ladrões, dos malfeitores que rondam querendo despojar o seu Amo do que lhe pertence, ou aos que tentarem magoá-lo...

“Ouve, Não tens por aí uma foto do teu inimigo? Desse que tem inveja de ti e que não te deixa viver, daquele que, por sistema, interpreta mal todas as tuas coisas, do que está sempre a falar mal de ti, do que te arruinou, do que deu más informações sobre ti, do traidor que te pregou uma rasteira, ... - continua a voz da fita...”

Oh, Senhor, não me peças isso agora! Disse novamente a soluçar, espera um pouquinho, não me peças isso agora...

Continuou a fita: “... Tens que me pôr a cara do blasfemo, do suicida, do degenerado, do bêbado, do assassino, do criminoso, do traidor, do viciado (...) Não vês que todos eles pertencem a esta pobre humanidade sofredora criada por Meu Pai? Não te dás conta que Eu dei a vida por todos?...”

- *“Meu Pai inclinou-se do céu para Me ver na cruz e contemplar-se no Meu rosto, fixou os seus olhos em Mim e o seu pasmo foi infinito. Sobre o meu rosto viu, sucessiva e vertiginosamente, sobrepostas as caras de todos os homens...”*

Do céu, durante aquelas três horas terríveis da minha agonia na cruz, contemplava o desfile trágico da humanidade vencida, enquanto Eu lhe dizia: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!” (...)Meu Pai viu passar sobre o meu rosto a cara do

soberbo; a do sectário, imaginando a destruição de Deus, a do assassino frio e desalmado... Havia lábios repugnantes, olheiras profundas marcadas pelo fogo da luxúria, hálitos insuportáveis pela embriaguez, palidez de madrugadas enlameadas pelo vício, esgares sórdidos de amargura e desespero, perturbadores olhares de perversão e delito, de subterrâneas anormalidades inconfessáveis e obscuras. Toda a derrota e as chagas de uma humanidade inveterada, a agonia, a morte. E meu Pai... Deus, amou-as a todas e perdoou os seus pecados.

Nesse momento eu estava no chão, de joelhos, tremendo como uma folha. Tremendo de dor por Jesus, de vergonha por toda a humanidade, de lamento pelos meus próprios pecados, de gratidão por toda a mensagem que me estava a dar...

Há meses que vinha a pedir um retiro espiritual, daqueles que ao mesmo tempo, sacodem a alma entre a doçura e o amor, o arrependimento e a gratidão. Que pena não poder contemplar o esplendor de uma alma pura, porque se pudéssemos vê-la, certamente que gritaríamos de emoção e de alegria! A alma humana é esplêndida perante Deus. E Ele, que é tão delicado e tenaz, Vê a maneira de agradar à alma amada, mas sempre para a elevar, jamais para que se envaideça...

Nenhum retiro tinha sido tão forte para o meu espírito. Nenhuma conferência tinha podido levar-me diante de um espelho e ver a minha nudez, a minha pobreza. Nenhuma janela me teria permitido contemplar a humanidade nesse mosaico que brilhava diante dos meus olhos, impregnado da luz do olhar de Deus. Nenhum isolamento podia ter-me levado à perfeita união de sentir o gozo no meio da dor e pedir a Deus: “mais, dá-me muita mais dor, Senhor, para que a minha cruz Te seja agradável”.

Santa Teresa dizia: *“Depois desta vida vem o Céu para sempre, para sempre, para sempre...”* Portanto, mesmo que não saibamos os motivos, mesmo que nos invadam as dores, Deus sempre quer e faz o melhor para cada um de nós e assim devemos agradecer-lho.

A voz da fita concluía: *“Recordemos o rosto que maior ódio e antipatia nos produza, aproximemo-lo de Cristo, ainda que sintamos o nosso pulso tremer. Coloquemo-lo sobre o seu e imaginemos que o nosso inimigo, esse ser que odiamos, ocupa um lugar na cruz.*

Fechemos os olhos, aproximemo-nos do crucificado e beijemos, reverentes e humildes, a sua figura (...) Uma voz cálida e musical, paternal e bondosa, nos envolverá. *Aquela que há muitos séculos nos deixou a maior e maravilhosa herança que um homem pode ter, encerrada em apenas seis simples palavras: “Amai-vos uns aos outros”.*

5. Palavras finais

Querido irmão ou irmã, se tu estiveres entre os que me muito me magoaram, se alguma vez o meu silêncio, as minhas lágrimas ou alguma reacção do meu temperamento te magoaram... É para ti que eu falo, escuta-me, por amor de Deus.

Peço-te perdão e perdoo-te. O sol já vai alto e a tarde vai começar a cair, e virão as trevas... Não ouves o vento a trazê-las? Se ainda não o fizeste, desce do altar que erigiste para ti mesmo e ajuda-me a subir para o alto...

Depressa virá o ceifeiro, a colheita já está no ponto. Que nos encontre de pé e de mãos dadas, para sermos mais fortes, e que a tempestade não nos arraste a cada qual para o seu lado.

Causaste-me algum dano? Não importa, numa família todos os irmãos se pegam, mas depois perdoam-se e abraçam-se.

Magoei-te? Perdoa-me verdadeiramente, nós humanos às vezes magoamos os que amamos. Olha para Jesus, pregado por nós, golpeado, escarnecido, e mesmo assim, todos os dias nos perdoa...

Observa, por favor, abre os olhos. Reconhecerás quem está por detrás de tudo isto para acabar contigo e comigo... Será sempre o mesmo: o maldito... à cabeça daqueles que habitam nos infernos e que parecem ter-se soltado para virem sobre nós...

Mas não fiques a olhar para ele, ele quer chamar a atenção e o melhor é ignorá-lo ... Pelo meu lado, pelo menos, é isso que farei. Oferecer-lhe muitas Ave-marias para pedir por ti, e sei que a ele o atingirão como pedradas, e morderá a sua própria cauda.

Agora, olha em frente. Vês como está o nosso barco chamado “Ecclesia”? Sim, atacado pelos de fora. Mas vê vem quem é o timoneiro... É João Paulo II, guiando este barco em breve a fixar-se nos dois majestosos pilares que um dia viu São João Bosco: Num deles está a Santíssima Virgem Maria, elevando os braços para acalmar a tempestade, porque é a Rainha da Paz, e no outro, o próprio Cristo na Sagrada Eucaristia, Sacramento e milagre de AMOR.

29 de Agosto, dia do Martírio de São João Batista.

(versão portuguesa terminada em 7 de Fevereiro de 2026, festa das Cinco Chagas do Senhor)